

Sánchez é primeiro-ministro de Espanha mas apoiado por complexa e pressionante “geringonça”

written by Alberto Jorge Santos | 16 de Novembro, 2023



O Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), através de uma ampla coligação política, conseguiu obter a maioria absoluta, apesar das manifestções na rua durante toda a semana, principalmente em Madrid, e mesmo hoje, à porta da Assembleia de Representantes, onde decorreu a votação.

Pedro Sánchez continua como primeiro-ministro, após obter 179 votos, num total de 350 deputados, o que lhe confere uma maioria superior à que conseguira na última legislatura.

Os socialistas conseguiram montar uma espécie de “geringonça à

portuguesa”, mas muito mais controversa e hostilizada pela oposição do que, à época, a de António Costa. Também o PSOE foi o segundo partido mais votado (o Partido Popular (PP) do galego Alberto Feijóo saiu vencedor, mas sem maioria), mas o que conseguiu mais apoios dos restantes partidos representados.

PP e VOX (partido de extrema -direita, dirigido pelo ex-PP Santiago Abascal) ficaram, assim isolados, depois dos acordos entre Sánchez e os movimentos independentistas e regionalistas.

Foi a amnistia para os catalães, envolvidos desde 2012 na declaração unilateral de independência da Catalunha, em 2017, o grande centro da polémica. A juntar a esta amnistia, o “parceria” do PSOE com os partidos bascos, herdeiros políticos da ETA, fez o barril de pólvora explodir.

E convocados pelo PP e VOX, muitos espanhóis vieram para as ruas integrando manifestações de repúdio – a Sánchez, à amnistia e à “passadeira vermelha” atribuída aos bascos – nas quais reinou um clima de caos e a violência na capital espanhola. Hoje, foi à porta da Assembleia, o que levou a polícia a ter de intervir.

Tem sido um processo longo e difícil em defesa *“da democracia e contra a direita anacrónica”* como reconheceu Pedro Sánchez no encerramento do debate *“ o processo não foi fácil, mas vamos todos trabalhar muito para manter uma legislatura que custou tanto a conquistar”*

Independentistas desconfiados

Com esta aliança ficou bem vincada a característica de Espanha como Nação de nações. Vejamos os partidos que apoiaram Pedro Sánchez: Coligação Canária (CC) ;Independentistas Catalães (ERC); Bloco Nacionalista Galego (BNG); Juntos pela Catalunha (Junts); EHBildu (País Basco); Partido Nacionalista Basco (PNV) e Somar (coligação de diversos partidos de esquerda e

extrema-esquerda, liderados por Yolanda Díaz, Ministra do Trabalho).

Aitor Esteban (PNV), exige que o PSOE cumpra o que acordou. E avança *“se o Senhor Pedro Sánchez prtetende manter a governabilidade, necessita cumprir o que assinou.”*. Durante o debate, Esteban olhou para a bancada do PP e, avisou Feijóo *“se o governo de Espanha quebra, terei de esclarecer o que nos chegaram a oferecer há alguns meses.”*

E o deputado basco não ficou por aqui nos avisos e críticas *“vamos estar sempre atentos a Pedro Sánchez. Ainda estão frescos os incumprimentos da legislatura anterior. Por isso, votamos, mas desconfiamos; também não queríamos depender e facilitar um governo VOX. Agora, vamos exigir o cumprimento de um acordo que preenche 10 páginas.”*

Quanto a Mertxe Aizpurua, ex-jornalista, atualmente deputada por Guipúzcoa pelo Euskal Herria Bildu (esquerda separatista basca) pede um referendo como o escocês para construir a *“República Basca”*. E lembra o primeiro-ministro *“o nosso apoio na investidura não é um “cheque em branco” e pretendemos abrir um debate do “modelo territorial””*.

O futuro dirá se toda esta pressão política é garantia de estabilidade. Para já, o PSOE de Pedro Sánchez, apesar de ter perdido as eleições, continua a governar Espanha. Veremos se o ambiente tenso das última semana vai agora atenuar ou se a direita engrossa a sua luta nas ruas. Que Espanha está dividida como há muita não se via, é uma realidade que não escapa a quem observa o dia-a-dia político.

Alberto Jorge Santos com *“La Vanguardia”*.